1

Roupas íntimas: design e usabilidade para maiores de sessenta

Lucia Regina Branco (mestre em Moda, SENAI/CETIQT-RJ)

RESUMO: Aumentam os idosos sem que o mercado em geral esteja preparado para

lhes ofertar produtos adequados. O artigo a seguir – resultado de pesquisa efetuada

para dissertação - aponta algumas lacunas em termos de modelagem, design e

usabilidade de algumas roupas íntimas brasileiras, conforme mencionadas por

usuárias entre sessenta e oitenta anos de idade.

PALAVRAS-CHAVE: roupa íntima; terceira idade; *design*

ABSTRACT: It's increasing the number of old people, without the correspondent

offer by the market of products dedicated to them. The following article - result of a

research made to a master's degree - focuses some blanks concerning modeling,

design and usability of some underwear, as listed by users between sixty and eighty

years old.

KEYWORDS: underwear, third age, design

METODOLOGIA

Pesquisa qualitativa de natureza exploratória, o trabalho originou-se a partir

de relatos analisados após oito entrevistas em profundidade realizadas com

mulheres cujas idades estavam entre sessenta e oitenta anos de idade. Todas as

sessões foram registradas por filmagens em mídia digital e seu uso foi autorizado

para fins acadêmicos, no intuito de conferir ao trabalho de investigação o que Bauer

e Gaskell (2004) chamam de "indicador de confiabilidade e relevância", posto que

mais que um relatório ou uma transcrição um CD com as imagens das fontes de

pesquisa é capaz de transportar o leitor para a realidade dos "atores sociais"

(BAUER; GASKEL, 2004, p. 486). A escolha pela metodologia das imagens em

movimento para a investigação deu-se também embasada em Saussure (1996), que

define que os signos não se limitam aos campos da fala e da escrita e a moda, como estudo social, não pode prescindir da análise dos signos.

O tópico-guia teve suas questões formuladas a partir de referencial teórico, observações nos pontos-de-venda, informações obtidas nos eventos direcionados a fabricantes e revendedores de roupa íntima e fóruns de moda e modelagem, bem como nos relatos informais dos profissionais da área, tendo em vista o número reduzido de publicações brasileiras neste campo.

Outro recurso utilizado foi a exposição – durante a entrevista – de alguns modelos de peças, a fim de produzir o estímulo visual para avaliação, crítica ou registro da indiferença.

Estes instrumentos de coleta de dados foram estabelecidos levando em conta parâmetros que são relacionados também por outras disciplinas, como a Ergonomia:

Para a elaboração das características físicas, faz-se um levantamento antropométrico do grupo de usuários. Da mesma forma, para as características cognitivas, deve-se fazer um levantamento do repertório desse grupo. Isso inclui, por exemplo, o que eles conhecem sobre o produto e como estão acostumados a usá-lo (IIDA, 2005, p. 323).

Como critérios psicográficos informa-se que as entrevistadas praticam como lazer atividades que envolvem movimento. Todas têm atividade social e são independentes (econômica e fisicamente).

Os nomes aqui citados como sendo das entrevistadas – tal como no original da dissertação – foram substituídos por fictícios, cumprindo o protocolo de Metodologia da Pesquisa.

INTRODUÇÃO

Vestir calcinha diariamente há mais de sessenta anos. Sutiã há outros mais de quarenta. A rotina de vestimenta diária na vida das entrevistadas invariavelmente contempla estas peças, o que não significa que ela não tenha mudanças ao longo dos anos. Para algumas impera um tradicionalismo – principalmente no tocante à modelagem – mas há quem conviva com constantes mudanças. Acompanhar a transição das calcinhas de tecido feitas pelas mães, nos lares, em suas máquinas Singer, até os tempos da compra do produto industrializado nas lojas de departamento, foi o trajeto perquirido pela pesquisa, e os resultados ora

apresentados são um recorte feito pelo ângulo do *design*, da ergonomia, da modelagem de sutiãs e calcinhas, características que conferem usabilidade à roupa íntima.

COMPREENDENDO A HISTÓRIA

A pesquisa traçou uma linha do tempo para investigar as transformações pelas quais oito mulheres nascidas na primeira metade do século XX passaram em suas vidas, entremeando relatos sobre o modo como elas percebiam suas roupas íntimas e sua feminilidade, a forma como as vêem hoje e, assim, após a análise dessas narrativas orais, discutiu o cruzamento desses dados. Ainda citando a Ergonomia para justificar a importância de entender a razão das escolhas das usuárias cita-se que:

A Ergonomia deve preferivelmente tentar entender como o homem usa suas próprias propriedades em termos de uma história, sua própria história e a da Humanidade, a parte da Humanidade a qual ele pertence. Anseios e desejos individuais, motivos e experiências são trazidos para a situação de trabalho e devem ser entendidos quando se considera a adaptação. Fatores como *background* social e cultura desempenham um papel importante (WISNER *apud* MONT'ALVÃO e MORAES, 1998, p. 26).

O padrão do que era ser sensual alterou-se, quase tanto quanto mudaram as modelagens de roupas íntimas. A transparência, por exemplo, que hoje é socialmente aceita, era uma indecência que obrigava o uso de uma peça clássica, hoje em vias de extinção: a anágua. Algumas com rendas no acabamento (a barra) e todas com elástico na cintura (quando este aviamento tornou-se disponível) como ilustra o curador do setor de moda e têxteis do serviço de museus de Hampshire:

Anáguas geralmente eram presas à lateral da cintura com botões ou botões de pressão; as cinturas com elástico não surgiram até os anos 1960. Os anos 1980 conheceram a costura bordada e as bainhas curvadas, além de modelos envelope (CARTER, 1992, p. 127)¹.

Este é apenas um exemplo de mudança dentre os mais drásticos que se viu na moda de roupas de baixo, quando se menciona como usuárias mulheres cujo

¹ tradução livre

background social leva em condição "moças de família"². A evolução³ deixou marcas que afetam o conforto estético percebido por essas mulheres naquilo que vestem hoje. Como as anáguas e as roupas íntimas eram todas cortadas no mesmo enfesto – ora por razões econômicas (já que se comprava tecido em peça para todas as mulheres da família, e mesmo quando se passou a vender a metro não havia tantas variações), ora pela graciosidade – resultava que as usuárias habituaram-se a vestir-se combinando, como recorda uma das entrevistadas:

Antigamente não tinha muita opção, né, era diferente, assim, né, você sabe, quando na minha adolescência eu nunca comprei calcinha nem sutiã, minha mãe confeccionava. Então a gente usava inclusive a combinação, era roupa íntima. Então a minha mãe confeccionava a calcinha, o sutiãzinho, e a, como é que se fala..., a anágua ou então a combinaçãozinha mesmo, **tudo igual**. Depois... Olha, eu vou te dizer uma coisa, eu acho que já tinha dezessete anos⁴ quando eu comprei o meu primeiro sutiã que foi comprado, não foi feito em casa... Não tinha como tinha hoje em dia, lojas específicas de lingerie (Taweret, 70, 2008, destaque nosso).

Assim, embora isso não seja uma regra, é compreensível que uma mulher habituada a estes caprichos dados pela mãe permeie sua cultura com a necessidade de encontrar nas lojas peças possíveis de serem intercambiáveis. São pessoas que ficaram mais exigentes ao perceber as possibilidades da indústria: não querem que haja a obrigação de adquirir um sutiã do mesmo tamanho etiquetado na calcinha, e em alguns casos não se conformam em encontrar apenas branco e bege:

Ah, eu acho que a estampa tem que tar atualizada com a moda... Agora, por exemplo, a moda tá com as listrinhas, e xadrez, a bolinha. Olha que coisa agradável, né, de se ver... Uma calcinha de bolinha, de listinha, de xadrez... Acho bem interessante (Mnemosine, 60, 2008).

² A expressão "moças de família" é usada, aqui, em contraposição à definição de ABREU (2002, p. 293), no relato trazido no capítulo denominado "meninas perdidas".

³ Importante ressaltar que o vocábulo "evolução" (e suas variantes ou derivados) é utilizado ao longo deste estudo no sentido puro, etimológico, da palavra – percurso, movimento – e não na acepção sociológica que implica melhoria progressiva, aperfeiçoamento, já que não se pode caracterizar, por exemplo, que o fato da calcinha ser modelo tanga seja um aperfeiçoamento de qualquer outro, simplesmente que se trata de um corte distinto.

⁴ Taweret completou dezessete anos em 1955.

Mnemosine compreende que da mesma maneira que a padronagem estampa um vestido poderia ser disponibilizada nos tecidos de roupas de baixo, o que é um raciocínio factível nos meios de produção. É também um discurso que reforça o capricho que as mães têm em vestir as filhas com "tudo combinando", uma estética ainda atual no Brasil e por isso mesmo respeitada pela indústria: ela lança tecidos em composé, meias acompanhando as cartelas de cores das tendências e por mais que se esforce em investir no ditame de que se tornou brega combinar bolsa e sapato o conceito clássico está deveras incutido na mentalidade brasileira. Preocupar-se com estamparia é uma maneira de agregar valor a um produto tão antigo quanto a questão que há anos se faz aos *designers*, sobre como dar aos objetos mais comuns uma força de sedução ou um poder renovado da convicção que já se tem sobre ele, compreendendo "como os objetos podem ganhar em valor sem no entanto perderem sua identidade" (HATCHUEL, 2006, p. 155).

Um dos evidentes sucessos da indústria – dentre muitos pontos a serem ressaltados – foi o de fazer as mulheres aderirem à praticidade de se comprar peças prontas e não mais fabricarem as calcinhas em casa. Isso, porém, não significa que todas estão satisfeitas com o que encontram.

AS ANÁLISES

A opinião em favor da variedade nas padronagens é uma idéia bem aceita, mas deve ser cotejada sua relação inversa com as ousadias em modelagem, já que embora mantenham sua função protetiva as roupas íntimas têm também a existência sensual e de conforto, e cada sujeito atribui às peças suas intenções:

A partir do momento em que toda e qualquer coisa tem uma existência dupla, uma delas objetiva e ligada às operações práticas, a outra subjetiva e mental, ele pode, então, seja dissociar, seja combinar, por um lado o aspecto utilitário e prático das coisas, e, por outro, o sentimento agradável que suas formas podem suscitar (MORIN, 1975, p. 110).

Isso significa que o *design* deve levar em conta todos os aspectos das peças íntimas para criar uma gama maior, a fim de atender tanto as usuárias que buscam praticidade quando sensualidade, tanto a mera vestibilidade quanto a segurança de uma peça que efetivamente proteja e seja durável. É preciso oferecer peças com

_

⁵ Tradução livre

estampas ou cores vivas tanto na modelagem mais ampla quanto no corte contemporâneo. Devem existir coleções contemplando também a cintura no lugar convencional, não apenas a cintura baixa.

Os resultados das análises sugerem que os estilos de vida que diferenciam estas mulheres - umas de cotidiano mais agitado, outras de modos mais reclusos diferenciam-nas também quanto às escolhas para sutiã e calcinha. Todavia não se nota grande diferença se considerada uma mesma mulher ao longo de sua vida. No que é inevitável todas elas evoluíram: usam peças confeccionadas com tecido à base de elastano, compram-nas prontas e consideram adquirir sutiãs com aro e renda, mas há questões indefectíveis que vieram da educação íntima que receberam nas quais a moda conseguiu pouca influência, como o corte e o aviamento que não deve "marcar". Nisso, tanto Vênus, que a vida toda comprou calcinhas cavadas, quanto Selene, cuja mãe fazia calcinhas vermelhas que de princípio a chocavam e hoje é a cor de suas peças "inspiradoras", quanto Eurínome, que desde criança usa peças cuja modelagem alcança o umbigo têm um traço de semelhança: o que vai por dentro da roupa está tão arraigado dentro de uma mulher quanto as suas convicções, diz muito sobre a maneira como ela foi educada, a forma como encara a vida e a fidelidade aos conselhos da sua mãe. É mais freqüente que a mulher que foi educada para usar calcinhas de modelagem mais ampla, com lateral de cerca de dez centímetros, mantenha este padrão. É este o modelo que ela irá procurar nas lojas, e as melhorias mais bem aceitas referem-se a tecidos, o que sinaliza que a tecnologia têxtil deve exercitar uma contínua busca por qualidade tátil, térmica e – notadamente referindo-se ao público cuja pele ficou mais sensível porquanto tenha sofrido a ação do tempo - buscar evoluir no processo de fusionagem ou de corte a laser, enfim, características que façam com que as costuras não machuquem a pele. Essas mulheres acompanharam a evolução:

Eu lembro que meus avós tinham leiteria e compravam muito farelo, essas coisas, né, então vinha tudo ensacado em saco de... saco, né, aqueles saquinhos que a gente faz... Saco de... que agora a gente usa prá fazer pano de prato, vinha naquilo. Eram uns sacos bons. Então eu me lembro que minha mãe alvejava e mandava fazer calcinha daquilo prá mim (Eurínome, 63, 2009).

Depois de passarem pelo tecido rude, pela popeline, pelo *jersey*, elas relatam que sempre estão aptas a experimentar, mesmo que isso resulte em peças que

ficam no fundo das gavetas quando não satisfazem as expectativas. Ainda que a indústria de moda íntima não tenha considerado a receptividade dessas usuárias aos testes, é importante registrar o interesse delas em compor o que IIDA (2005, p. 327) chama de "desenvolvimento participativo", o *design* de produto que conta com consulta sistemática aos usuários potenciais do produto. Principalmente porque elas detêm um poder aquisitivo que as permite investirem em si mesmas; elas "passam menos tempo vendo televisão ou ouvindo rádio do que os jovens de vinte" (COMFORT, 1979, p. 113), viajam e compram roupa íntima para compartilharem quartos com as colegas, fazem cursos, vão a bailes de terceira idade e não querem peças incômodas para o momento de lazer.

Outro aspecto sondado diz respeito ao posicionamento do fecho dos sutiãs. Habitualmente eles apresentam encaixe na parte traseira, o que nem sempre facilita a extensão do braço para acertar o gancho, ainda mais sem vê-lo. É ponto a ser considerado nas peças: que não seja apenas uma exceção contida numa peça ou outra, mas que se pense em desenvolver modelagem contemplando fecho frontal.

De apuração mais delicada, o tamanho do bojo merece reexame por parte da modelagem. Após gravidez, amamentação, ou simplesmente pela queda provocada pela inexorável flacidez do tecido e da musculatura trazida pelo decurso dos anos da vida, a mama já não tem o mesmo formato considerado pela indústria como padrão. Aqui há uma problematização acerca de como efetuar essas mensurações, e cogitase que um censo antropométrico, possivelmente através de *body scanner*, possa investigar o que efetivamente precisa ser alterado, como trazer formatos e tamanhos de bojo mais adequados ao busto que se diferencia dos contornos PMG originariamente considerados nos moldes. O que é fato é que existem dificuldades, como relata Mnemosine em linguagem bastante direta:

Bojo pequeno demais pro seio de uma mulher de sessenta anos, que já desafiamos a lei da gravidade, né, então: o bojo, que eu acho muito pequeno, as rendinhas, aquelas coisa que incomodam um pouco, pouco confortável, as calcinhas muito cavadas no bumbum... Por exemplo: uma mulher já com sessenta anos que já teve partos e tudo mais, e por alguma razão não pôde fazer uma cirurgia plástica de abdômen, ela tem dificuldades, ela tem a cicatriz da cirurgia, a barriguinha que cai ligeiramente sobre essa cicatriz... (Mnemosine, 60, 2008)

O peso da mama, então mais concentrado e direcionado ao abdome, sem encontrar a sustentação ideal pelo aro (quando esta é a opção) ou pela parte inferior

do sutiã, apóia-se no elástico que castiga os ombros. Uma das razões para que isso aconteça dá-se pela restrição do sistema de numeração adotado no Brasil, que não disponibiliza – exceto por umas poucas marcas e em pontos-de-venda restritos – maior variedade de tamanhos de bojo conjugados com a circunferência do abdome, (que sofre as influências da menopausa), nos moldes da concepção de Warner (BRESSLER et al, 1999, p 45), que produziu as escalas A, B, C e D para os sutiãs. É tão cruel quanto comum encontrar senhoras com mais de sessenta anos com um sulco profundo exatamente na marca das alças do sutiã. Novamente aqui entra em discussão que possivelmente – além de se estudar o contorno corporal das mulheres acima dos sessenta anos – seja levado em conta que os tecidos nos quais a roupa íntima é confeccionada precisam evoluir no sentido de fornecer maior sustentação sem acarretar compressão excessiva, e que também os elásticos necessitam ser mais largos (o que por conseguinte exigirá passantes maiores, enquanto não haja outra maneira de garantir a regulagem).

Apelo estético e sensual das peças de roupa íntima, a renda não recebe apenas elogios. Algumas são lembradas como itens que "pinicam", e em outros casos incomodam porque "marcam" sob as roupas. Visualmente as usuárias se encantam com o produto, todavia reconhecem que não necessariamente são os mais adequados:

Mary Quant uma vez lamentou que a melhor roupa íntima seja essencialmente lisa: "Eu sei que sempre me seduzo pela mais bonita, a mais pregueada, o sutiã mais cheio de enfeites que parecem tão bons quando você está parcialmente desvestida. Mas debaixo de um vestido, elas não são outra coisa que um amontoado e um inchaço" (CARTER, 1992, p.9).

É importante, pois, aliar o conforto estético a qualidades prezadas nas peças de baixo. Não se fala em eliminar as rendas, e sim em desenvolver materiais de maior praticidade, sem sacrificar o que em muitos casos é o diferencial da peça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além do número de idosos ter aumentado – e eles ainda vão aumentar mais, numa velocidade nunca antes vista (LEBRÃO et al, 2003, p. 9) – a qualidade de vida

dos idosos modificou-se nos últimos anos. Estudo efetuado pelo HSBC⁶ e pela Universidade de Oxford (Oxford Institute of Ageing), e da Harris Interactive, que entrevistou 21.000 pessoas com idade entre 40 e 79 anos em 21 países evidenciou que "as pessoas são, agora, capazes de fazer coisas após a idade de 60 anos que eram antigamente reservadas para aqueles nos seus 40 e 50 anos, tais como trabalhar, contribuir para a vida familiar e participar de atividades esportivas" (HSBC, 2007, p. 35). Ao mesmo tempo em que as famílias têm diminuído o número de filhos os "avós" passaram a constituir novas famílias, por evidenciarem que estão em condições de aproveitar a vida social. Apesar de terem maior poder aquisitivo consolidado e em tese sem as obrigações familiares, boa parte da população das idosas também têm negado o acesso às roupas íntimas mais caras, mais alegres ou mais elaboradas, numa "das formas mais insidiosas da dominação" (BOURDIEU, 2004, p. 184), pelo simples fato de que o *design* cria e a indústria produz majoritariamente para mulheres da atualidade; numa sociedade em que o padrão de beleza é a manutenção da juventude os velhos ganham a conotação de feios.

A indústria de roupa íntima, quando elabora seus produtos – à exceção de umas poucas linhas especiais como os modeladores corretivos e as calcinhas com enchimento, por exemplo – não pensa em mulheres cujos corpos sofreram a influência das leis da gravidade, no aumento da mama no sentido rumo à axila, e tampouco em calcinhas menos cavadas. Não se fala aqui em "calçolas", já que as próprias idosas muitas vezes não as desejam, como revela o depoimento a seguir:

Cê gosta de pôr uma roupa bonita e se achar bonita, né? Mesmo a roupa íntima, essa que não aparece. Eu acho importante... Se eu for te mostrar, eu não tenho nenhuma calçola, eu não uso calçola na minha idade — tenho setenta e dois anos, né — mas eu não uso! Tá certo que tem mulheres da minha idade, muito bem conservadas, com aparência muito bonita, que são bem mais gordinhas, é uma tendência dos sessenta anos em diante, mas assim mesmo eu acho que usar uma roupa íntima adequada, mesmo que você seja mais encorpadinha... (Selene, 72, 2008)

Aos setenta e dois anos de idade Selene enfatiza que não compra calçola, e traçar uma relação interesse de compra *versus* economia pessoal demonstraria que ela se encontra – como várias senhoras brasileiras – em situação econômica talvez

⁶ Este estudo é realizado anualmente, pelo HSBC Previdência, e os mais recentes sobrepõem-se, na internet , aos mais antigos. Os resultados aqui mencionados pertencem ao relatório que foi divulgado em 2007.

até mais privilegiada do que as mulheres que têm filhos, obrigações financeiras com a escola deles, suas vestes, lazer da família.

É mais do que momento de pensar a modelagem do vestuário para esse segmento de mercado com pessoas que se sentem esquecidas, apesar de conscientes do seu poder aquisitivo, muitas vezes superior quando comparado ao daquelas para quem a indústria se dirige maciçamente. Isso seria efetuar o que Pheasant (1997) define como *design* centrado na usuária e utilizar, como diz MONTENEGRO, o poder da aprendizagem:

Mais importante do que lançar novos produtos, seria desenvolver nossas habilidades de imaginação, de intelecto e de intuição para obter satisfação pessoal no trabalho e na vida, dentro de uma perspectiva ética.

[...] O armazenamento da informação não nos faz inteligentes, se antes não aprendermos a organizar, avaliar e aplicar a informação. Aprender não é absorver a informação; é pensar, fazer perguntas, produzir hipóteses, analisar diferentes pontos de vista, duvidar, experimentar, compreender, trabalhar (MONTENEGRO, 2005, p 76).

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha. **Meninas Perdidas** in: História das Crianças no Brasil. PRIORE, Mary del (org). São Paulo: Contexto, 2002, p. 289-316.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa Com Texto, Imagem e Som**. Petrópolis: Vozes, **2004**. 3ª. Ed.

BOURDIEU, Pierre. O Costureiro e sua Grife in: **A Produção da Crença:** Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos. São Paulo: Editora Zouk, 2004. 2ª. ed.

BRESSLER, Karen W; NEWMAN, Karoline, PROCTOR, Gillian. **Un Siglo de Lencería**. Vizcaya: Status Ediciones S L, 1999.

CARTER, Alison. **Underwear:** the fashion history. New York: Drama Book Publishers, 1992. COMFORT, Alex. **A Boa Idade**. São Paulo: DIFEL, 1979.

HATCHUEL, Armand. **Quelle analytique de la conception**? Parure et pointe em design. in: **Le Design**: Essais sur des théories et des pratiques. FLAMMAND, Brigitte (org). Paris: Institut Français de La mode – Regard, 2006.

HSBC. **O Futuro da Aposentadoria**. http://www.hsbc.com.br/1/2/portal/pt/para-sua-empresa/previdencia/vgbl#, acessado em 22 de março de 2009.

IIDA, Itiro. Ergonomia: projeto e produção. São Paulo: Edgard Blücher, 2005. 2ª. ed.

LEBRÃO, Maria Lúcia e DUARTE, Yeda A. de Oliveira. **SABE – Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento – O Projeto Sabe no município de São Paulo:** uma abordagem inicial. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2003.

MONT'ALVÃO, Claudia; MORAES, Anamaria de. **Ergonomia**: conceitos e aplicações. Rio de Janeiro: 2AB, 1998

MONTENEGRO, Gildo A. Inteligência Visual e 3-D. São Paulo: Edgard Blücher, 2005.

MORIN, Edgar; FERRO, Fernando de Castro. **O enigma do homem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Course in general linguistics**. Illinois: Open Court Publishing, 1996.